

Convento de Cristo

Serviço de Educação e Animação

Quem te disse que não gostas de História?
Curso livre online de História elementar de Portugal
(8 aos 12 anos)



MARIA DA FONTE

LIÇÃO N.º 40

D. Maria Segunda Rainha.

Tema: D. Maria II, A Educadora (1826?1834?/1853).
O Governo de Costa Cabral, Conde de Tomar;
A Revolta da Maria da Fonte ou Patuleia;
A "Casa de Verão" do Conde de Tomar no
Convento de Cristo.



A Casa de Verão de Costa Cabral no Convento de Cristo

Costa Cabral teve entre outros cargos e funções, os de: Deputado, Par do Reino, Conselheiro de Estado efetivo, Ministro da Justiça e Negócios Eclesiásticos, Ministro do Reino, etc.. Destacou-se na primeira fase do Reinado de D. Maria II como apoiante do Liberalismo e da Constituição e protetor da Sua Majestade. Em 1841 foi fundador e Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa (Grande Oriente Lusitano).

Era ainda apenas deputado quando, em 1838, comprou a "bom preço" (apenas 5 contos de réis) uma parte do Convento de Cristo e a sua Cerca, o Lugar dos Sete Montes. A rainha tinha posto o Convento à venda, dividindo-o em parcelas, para ser mais fácil encontrar compradores, mas só conseguiu vender uma delas ao seu amigo Conde de Tomar. Costa Cabral aí fez a sua Residência de verão, onde passava as férias com a família e mais tarde se refugiou quando caiu em desgraça se retirou da política.

Provou o seu amor pelo Convento e demonstrou ter consciência da importância que esse lugar representava para a História de Portugal, mandando fazer obras e restauros e travando a destruição que estava em curso desde o seu encerramento em 1834 (roubos e vandalismo). Em 1839 quando entrou para Governo, conseguiu a nomeação de guardas para vigiar o Convento de Cristo e também a devolução dos quadros e estátuas que tinham sido transportadas em condições desastrosas, para Lisboa.

Aos 86 anos, depois de concluir uma longa Comissão de Serviço na Santa Sé, regressou ao Convento de Cristo para "o entregar ao filho mais velho. António Bernardo da Costa Cabral terminou os seus dias na Foz do Douro, no local onde nasceu.

Até 1942, ao longo de três gerações, o Convento de Cristo continuou na posse dos descendentes de Costa Cabral que, afinal, o protegeram o amaram.



D. Maria II, A Educadora

D. Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, nasceu no Brasil em 1819. Era filha de D. Pedro IV e de D. Maria Leopoldina. Depois da vitória dos Liberais, foi coroada Rainha e um ano depois, casou com o Príncipe D. Augusto de Leuchtenberg, que morreu passados dois meses. Aos 17 anos estava casada de novo com D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gota, de com quem teve 11 filhos. Dois deles, D. Pedro e D. Luís serão Reis de Portugal. Chamaram-lhe a Educadora pela esmerada educação que deu a todos os seus filhos.

O seu reinado de 19 anos foi muito difícil e todos lhe reconhecem o mérito de o ter superado. Quase sempre grávida ou em convalescença dos partos cada vez mais difíceis, D. Maria Governou com sabedoria e tato, um Reino em constante agitação e confrontos entre apoiantes da Carta Constitucional e da Constituição de 1822. D. Maria II faleceu de parto, com apenas 34 anos.



A Revolta da Maria da Fonte faz cair o Governo de Costa Cabral.

Esta revolta durou 8 meses e começou na Póvoa de Lanhoso, mas depressa se espalhou a todo o Minho. Maria Angelina, de 20 anos, que por ser da freguesia de Fontarcada era conhecida por Maria da Fonte, deu o nome à "Patuleia ou Revolta das Mulheres". O motivo desta revolta foi a proibição de sepultar os mortos dentro da igreja, conforme obrigava a "Lei da Saúde" do Governo de Costa Cabral, mas o povo já estava revoltado por causa dos pesados impostos que este decretara. Em várias vilas já se tinham incendiado os Cartórios para queimar "as papeletas da roubalheira". A rainha demitiu contrariada o seu ministro Costa Cabral. Este exilou-se em Madrid, mas em 1849 regressou ao Governo, de onde o Marechal Saldanha o conseguiu tirar à força, em 1851.



Costa Cabral, 1.º Conde de Tomar (1845)
Marquês de Tomar (1878).

A elevação da Vila de Tomar a Cidade, em 1844.

Provavelmente por ocasião da visita dos Reis a Tomar, em 1843, a Câmara terá entregue um pedido para que a vila fosse elevada a cidade. D. Maria prometeu que assim seria e a 12 de fevereiro de 1844 Tomar passou a ser a primeira cidade do Distrito de Santarém. Podes ler abaixo um pequeno extrato do Alvará que foi assinado por D. Maria II e pelo ministro Costa Cabral. "(...) Sendo esta Villa uma das mais vastas e formosa do Reino, enriquecida com numerosas fábricas e ornada de numerosos e belos edifícios, entre os quais se destaca, pela sua celebridade, o extinto Convento da Ordem de Cristo, possuindo além destes todos os mais elementos para sustentar com dignidade a categoria de cidade, hei por bem e muito me agrada deferir o pedido, ordenando que a dita Vila, do dia da publicação deste Alvará em diante, fica erecta em cidade, denominando-se Cidade de Thomar".

D. Fernando II e a Janela do Capítulo, um amor à Primeira Vista.

Os Portugueses reconheciam que o Rei Consorte era mais dado às artes que aos assuntos do Estado. D. Fernando era muito culto e tinha grande sensibilidade para as várias manifestações artísticas. Falava 7 línguas, era pintor, desenhador, gravador, ceramista e cantava muito bem, acompanhado ao piano, nos serões da Corte. Talvez por isso se tenha deixado apaixonar pela mais emblemática obra manuelina do Convento de Cristo, a Janela do Capítulo. Logo mandou que lhe retirassem os telhados e paredes que impediam de ver a fachada ocidental da Igreja, onde está a Janela. Foi uma ótima ideia, só temos de lhe agradecer...

